



Agostinho da Cruz

Franciscano, poeta, místico...?

*“Na ribeira do Lima fui nascido,
Na do Mondego e Tejo fui criado...”*

Arlindo de Magalhães

Agostinho da Cruz, poeta, místico...?

Agostinho Pimenta (1540-1619), mais tarde dito da Cruz, e seu irmão Diogo Bernardes (c. 1530-1596), ambos poetas, nasceram de família nobre, em Ponte da Barca.

Bernardes foi Moço de Câmara de D. Sebastião e, mais tarde, acompanhou o rei ao desastre de Alcácer Quibir. Pimenta, aos 15 anos, passou a viver em casa de um neto do rei D. Manuel, D. Duarte de Portugal (1569-1627), 2º filho do Duque de Bragança, mais tarde chamado Eduardo de Bragança. Para acalmar a situação política que se vivia no país, o então rei de Espanha e de Portugal, D. Filipe I (II em Espanha) deu-lhe o título de Marquês de Frechilla, um lugar “sem fortaleza, em terra plana e não perto de Portugal”, na Província de Palencia. Nessa altura, Duarte e Agostinho Pimenta tiveram grande convivência com a família dos Duques de Aveiro. À frente, a ela voltaremos.

Com 21 anos, em 1561, porém, e não se sabe porquê, sua vida deu uma grande volta. Queimou os seus escritos e resolveu-se pela vida religiosa:

então para o Convento de Santa Cruz da Serra de Sintra, dos Frades ditos Capuchos ou Capuchinhos, fazer o noviciado.

“Na vida de Frei Agostinho da Cruz, há um ponto obscuro que ainda ninguém conseguiu esclarecer: o motivo que o levou a deixar o mundo e a refugiar-se na solidão, na contemplação da natureza, dos penedos da serra, das águas imensas do mar, da majestade infinita de Deus”. Foi

A QUEM LER (1)

Os versos que cantei importunado
Da mocidade cega a quem seguia
Queime (como vergonha me pedia)
Chorando por haver tão mal cantado
Se nestes não ficar tão desculpado
Quanto o mais alto estilo requeria,
Não me podem negar a melhoria
Da mudança que fiz de um no outro estado.
Que vai que sejam bem ou mal aceites?
Pois os não escrevi para louvores
Humanos, pelo menos perigosos,
Se não para plantar em frios peitos
Desejos de colher divinas flores
à força de suspiros saudosos.

PERSEVERÂNCIA NA PENITÊNCIA

As cabras qu'inda guardo nesta Serra
São lágrimas [a] chorar por meus pecados
Na lembrança dos tempos mal gastados
Vendo quem mais acerta ou quem mais erra.
Triste vida se vive sobre a terra
E triste muito mais nos povoados
Dos meus e dos alheios semeados
Por cima d'ervas más da mesma terra.
Quão pouco dura a vida, bem se entende,
E bem o para que foi concedida
E quanto bem ou mal no fim nos rende.
Ora seja mais breve ou mais comprida,
A nenhum outro bem maior se estende
Que a ganhar com mortal imortal vida.



Convento Velho, dos Capuchos, na Serra da Arrábida

É no Convento dos Capuchos da serra de Sintra que Frei Agostinho não mais será Pimenta mas *da Cruz*. Aí professou, isto é, fez votos perpétuos de que queria viver numa Comunidade dos Capuchinhos. Isto se passou no dia da Vera Cruz, a 3 de Maio de

1571, tinha portanto 31 anos. O Convento tinha sido fundado poucos anos antes.

Em 1605, contavam-se-lhe já 65 anos de idade, foi nomeado guardião no Convento de Santa Catarina de Ribamar, fundado em Algés (Oeiras), em 1559. Nesse mesmo ano, porém, conseguiu autorização para viver como eremita na serra da Arrábida: ali quis “viver como ermitão na Serra da Arrábida, retirado de toda a comunicação humana”, terra que era “muito fértil de asperezas”: “Ó serra sagrada! Ó soledade bendita! Ó deserto não deserto, mas sim retrato do paraíso!”.

GLOSSÁRIO

Noviciado é um tempo de preparação: “O noviciado, com o qual se começa a vida no instituto, destina-se a que os noviços conheçam melhor a vocação divina, a vocação própria do instituto, façam experiência do modo de viver do instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade”, diz o Direito Canónico.

Capuchinhos, nome derivado do capucho que usavam os *fratres* > frades que levavam vida simples e austera. Andavam de sandálias, deixavam crescer a barba e não possuíam bens, nem individual, nem comunitariamente. Constituíam um dos três ramos da ordem dos franciscanos. O papa Clemente VII (1523-1534) autorizou-os a viver como eremitas e a pregar aos pobres. Como a Ordem conquistou muitos adeptos, o papa desligou-os, em 1528, da obediência aos franciscanos conventuais, tornando-os uma Ordem independente.

NA SERRA DA ARRÁBIDA (1)

No meio desta serra onde se cria
Aquela saudade d’alma pura,
Que no duro penedo acha brandura,
Ardente fogo dentro n’água fria,
Ouço no passarinho a melodia.
Vejo vestir o bosque de verdura,
Variar-se no céu outra pintura,
Que em vários sentimentos me varia.
Pasmando de quão mal se gasta a vida
De quem da terra quer subir ao céu,
Pois caminhar enfim ninguém duvida,
Menos da vida estreita que escolheu,
Dos seus mais escolhidos, mais seguida,
Cristo Jesus, que numa cruz morreu.



Frei Martinho de Santa Maria (?-1546), fundador do convento da Arrábida, era um espanhol natural da Villa de San Esteban del Puerto, da província de Jaen. Entrou para o convento de S. Francisco da sua terra natal, mas foi mais tarde para Roma contactar com os Capuchinhos Barbados, cuja Reforma já então flores-

cia. Regressado a Espanha, foi em peregrinação ao santuário da Senhora de Guadalupe. Aí se encontrou com D. João de Lencastre (1501-1571), primeiro Duque de Aveiro, que lhe sugeriu a serra da Arrábida para ali criar um convento que possibilitasse a vida eremítica. Assim aconteceu. Em 29 de Setembro de 1539, instalou-se juntamente com Frei Martinho Navarro numa antiga ermida. Em 1542, havia já um pequeno convento.

Pedro de Alcântara (1499-1562), que seria canonizado em 1669 e era familiar de Frei Martinho de Santa Maria, veio ajudá-lo para a Arrábida. Com a morte de Martinho, seria Pedro a dar seguimento ao seu trabalho, ajudando a fundar uma série de conventos para os chamados Capuchos (ou Arrábidos).

E na Arrábida viveu Frei Agostinho da Cruz até aos 76 anos, procurando a solidão.

Ao chegar, ele próprio levantaria uma cabana que o defendesse do sol e do frio. Mas o Duque de Aveiro, D. Álvaro de Lencastre (1540-1626), acudiu a um pedido seu e mandou construir-lhe uma pequena cela de pedra e cal:

Não havia cómodo na serra para o servo de Deus viver solitário; a cela em que S. Pedro de Alcântara tinha vivido, estava nela o Venerável Fr. Diogo dos Inocentes. Por esta razão, fiado no favor do Duque, lhe pediu Fr. Agostinho quisesse Sua Excelência mandar-lhe fazer uma pequena e pobre casa para nela se abrigar do ardor do sol e do frio do Inverno. Prometeu-lhe o Duque, que sim. Como o Duque se não lembrou logo da promessa, foi o servo de Deus obrigado a fazer entretanto uma pequena choupana tecida dos ramos das árvores da serra, os quais [ele] mesmo cortou com suas mãos. Nela passou quase seis meses. Só mais tarde, o Duque foi pessoalmente visitá-lo e pedir-lhe que escolhesse logo, à sua vista, o terreno para a sua casa, que era numa pequena distância [da ermida] da Senhora da Memória. Começou[-se] a casa e como era pouca a fábrica, acabou-se com brevidade.

Diz o cronista acima citado – *Espelho de penitentes e crônica da província de Santa Maria da Arrábida* (1728 e 1737) – que “não deixou de causar alguma alteração nos que se prezavam de zelosos da reforma o viverem estes solitários fora da clausura”.

Não é para agora esta história. Digamos apenas que se quis que o Convento da Arrábida fosse a conciliação da vida eremítica com a vida da comunidade, “muito conforme com a pobreza que recomendava o nosso santo Patriarca”.

Mas não só a pobreza, também “a solidão na vida do ermo”: “Vinhão os religiosos a todos os atos da comunidade, assim do coro como do refeitório, sem mais outro caminho que cada qual fazia, vindo da sua cela, com os pés descalços pisando os agudos penedos e penetrantes espinhos, não só de dia, mas à meia noite, em todo o tempo e com todo o rigor” (*Espelho...*)

*... E na serra em que vivo envelhecido,
Onde esperando estou o desejado
Fim dos meus longos anos mais vizinho,
Quanto de cada vez mais alongado.*



Vista da serra da Arrábida, sobre o mar



A Serra da Arrábida e no cimo a cruz

Antes da chegada dos Capuchos, havia já, no alto da Serra, a Ermida da Memória, lugar de grandes romarias.

Por aí, no século XVI, construíram-se quatro capelas, algumas guaritas a que deram os nomes dos mistérios da Paixão, e algumas celas escavadas nas rochas. A este conjunto se chama o Convento Velho.

O novo, mais abaixo, foi fundado por Frei Martinho de Santa Maria, em terras cedidas por D. João de Lencastre. Com a extinção das ordens religiosas em 1834, todo ele foi pilhado e vandalizado e a propriedade terá passado de mão em mão. Em 1990, foi vendido à Fundação Oriente.

QUEM FOI FREI AGOSTINHO DE CRUZ?

Pode ser que, em Frei Agostinho da Cruz, seja mais importante a sua poesia que o poeta?

Estão por descobrir os motivos que levaram este homem a abandonar o mundo, digo assim, e a abraçar a vida eremítica.

Teixeira da Pascoaes, por exemplo, diz: “Pobre e divino poeta, ... desprezado e incompreendido, interiorizou-se nas cousas que o amaram, iluminadas de brandura e transparência, a suavizar-lhe as chagas

abertas por femininas garras cor-de-rosa”. Romantismo em demasia?

Cronistas do seu tempo dizem que “Frei Agostinho conseguiu uma tal sintonia com a natureza que os animais selvagens e as aves tinham por ele um especial afeto. Procuravam-no, vinham comer-lhe à mão o que lhes dava e, depois, retiravam-se, obedientes” (Mendes dos Remédios).



Convento Novo, dos Capuchos



Convento Novo, dos Capuchos:
Em cima, em baixo e à direita

Em tão pequeno espaço, vejamos um pouco mais do poeta e do místico.

O POETA

Feliciano Ramos diz assim na sua *História da Literatura*:

Relativamente à obra de Deus que é a natureza, ... [Frei Agostinho da Cruz] é sensível à beleza da montanha e aos encantos da paisagem, como o demonstram diversos passos da obra poética. De facto, as líricas deste poeta não só testemunham o fervor religioso, como ainda o viver do ínclito serrano: pesca na Lapa de Santa



Margarida; colhe flores pelas encostas da montanha; passeia à sombra do arvoredor e ajoelha-se sobre o chão da serra para rezar. Juntava ainda a estas ocupações a de meditar textos religiosos e a de ler e escrever. ... O tema da divina formosura de Deus, a constante afeição a Jesus, a devoção pela Virgem Nossa Senhora, a cuja proteção se acolhe, a veneração por Santo António, enchem-lhe de religiosidade os versos.

AO TRISTE ESTADO

Passa por este vale a primavera,
As aves cantam, plantas enverdecem
As flores pelo campo aparecem,
O mais alto do louro abraça a terra.
Abranda o mar; menor tributo espera
Dos rios, que mais brandamente descem,
dias mais formosos amanhecem,
Não para mim, que sou quem dantes era.
Espanta-me o porvir, temo o passado;
A mágoa choro dum, doutro lembrança.
Sem ter que esperar, nem que perder.
Mal se pôde mudar tão triste estado
Pois para bem não pôde haver mudança,
E para maior mal não pôde ser.

Na sua *História da Igreja em Portugal*, Fortunato de Almeida vai por outro caminho: “Na poesia mística ninguém excedeu a Fr. Agostinho da Cruz, irmão de Diogo Bernardes, também poeta célebre. A sua inspiração reveste ordinariamente o carácter de suave melancolia em que por vezes parece dominar o sentimento da saudade das glórias celestiais”.

António José Saraiva e Óscar Lopes, noutra *História da Literatura Portuguesa* assinada pelos dois, vão muito mais ao fundo:

A bucólica ao divino, alternada com reflexões mais diretas, e ora formulars ora pungentes, sobre os enganos e os males insanáveis do mundo, constitui um dos veios mais copiosos desta lírica maneirista auspiciada pela Contra-Reforma. (...) Os seus assuntos são a saudade do Céu, a evocação patética e contrita da Cruz, o testemunho e símbolo do Criador que descobre nas coisas naturais circundantes. Poeta religioso, e com frémito muitas vezes sensível, Frei Agostinho não chega todavia, em boa verdade, à altura da mística. ... Nos seus versos,... pouco mais interessa do que ... um ou outro arroubo, e lampejos da amplidão da Arrábida, com a agitação do Oceano ensurdecida a distância... (p. 382).

NA SERRA DA ARRÁBIDA (2)

Dos solitários bosques a verdura
Nas duras penedias sustentada,
Nesta Serra, do mar largo cercada,
Me move a contemplar mais formosura.
Que tem quem tem na terra mor verdura,
Nos mais altos estados arriscada,
Se não tem a vontade registada
Nas mãos do Criador da criatura?
A folha que no bosque verde estava
Em breve espaço cai, perdida a flor,
Que tantas esperanças sustentava.
Por isso, considere o pecador
Se quando na pintura se enlevava
Não se enlevava mais no seu pintor

A QUEM LER (2)

Dos males que passei no povoado
Fugí para esta serra erma e deserta
(...) Passou a furiosa tempestade,
Ouve-se a voz da rola em nossa terra
Soando com mais suavidade
Cobriu-se d'alvas flores toda a Serra
A minha alma de doce saudade
Em paz me fez amor divina guerra

Prado Coelho, no *Dicionário de Literatura*, respeita a verdade da sua poesia. Agostinho da Cruz – diz – “canta o remorso vivo de um passado que o magoa e a saudade contínua do céu. (...) A Natureza é, no entanto, verdadeira na sua poesia. (...) O desengano dos homens e a esperança do céu – a saudade do céu – são os contrastes que se enraizaram fundo nos seus versos”.

A DESAPROVEITADA MOCIDADE

Ó montes altos, vales abatidos.
Verdes ribeiras de correntes rios.
Ora por baixo de bosques sombrios,
Ora por largos campos estendidos;
Onde mais claros vejo repetidos
Meus mal considerados desvarios
De pensamentos vãos, baixos e frios,
Emendados tão mal, quão mal sentidos.
Passei a mocidade sem proveito,
Antes contra meu Deus acrescentando
Culpas a quantas culpas tenho feito
Cuja pena a velhice está purgando
Para passar da morte o passo estreito,
Se não se no seu sangue nadando.

A finalizar: “Gosto da solidão, melindre de um espírito religioso que foge ao contacto dos homens, para procurar a verdade pura, longe do engano e do bulício. Daí o convívio familiar com as coisas naturais, tão próprio do espírito franciscano da sua voca-

ção. Árvores, penedias, aves, rebanhos, grutas, fontes, mar, são algo de visto e sentido vitalmente, e não simples temas bucólicos”, diz ainda João Mendes, na *Verbo Século XXI*.

DA EXPERIÊNCIA

Que me fica por ver na mortal vida
Dos meus imortais bens tão alongada,
Que por mais que o seu tudo seja nada,
No mais do tudo seu vejo perdida!
Ah! quanto se dilata esta partida,
Com perigo desta alma dilatada,
Que, antes de ser nascida, foi culpada,
Culpada mais, depois de ser nascida.

A tais termos chegou minha esperança
Que de remédio estou desenganado
Tanto que cuidar nele inda me cansa.
Porque passou o tempo limitado,
Que não pode sofrer tanta tardança
Da morte, de que estou desconfiado.

O MÍSTICO

Dizer tanto em duas palavras é muito difícil.

Como poucos, o franciscanismo percebeu a Natureza como o espelho de Deus. E Fr. Agostinho da Cruz era um franciscano:

Quanto mais formosa for
A coisa que podes ver
Verás que não pode ser
Sem ser mais o Criador:
Se vires lírios e rosas,
O Sol, a Lua, as estrelas,
Busca no Criador delas
Outras muito mais formosas.



SEM TÍTULO

... inda a sepultura tenho aberta
Que quanto a morte bem mais devagar,
Tanto de tardar pouco está mais certa.
Só na minha choupana, recolhido,
No silêncio da Serra me suspendo,
Dos humanos agravos esquecido.
Que busco, porque espero, que pretendo,
Tanto monta no mar como na terra.
Onde com suspirar olhos estendo?
Vestida de verdura vejo a Serra,
O mar, por muitas vezes, de mil cores;
Umas horas de paz, outras de guerra.

ELEGIA VI

Agora que de todo despedido
Nesta Serra da Arrábida me vejo
De tudo quanto mal tinha entendido,
Com mais quietação, livre desejo
Nela quero cavar a sepultura
Que não junto do Lima nem do Tejo
Aqui com mais suave compositura
Menos contradição, mais clara vista
Verei o Criador na criatura

Na Literatura como na história religiosa de Portugal, Frei Agostinho da Cruz é ainda um ignorado, não estudado, derrotado na vida e por ela vencido, místico, poeta também, (pré-)panteísta ...

ELEGIA

Na ribeira do Lima fui nascido
Na do Mondego e Tejo fui criado,
E na serra em que vivo fui envelhecido,
Onde esperando estou o desejado
Fim dos meus longos anos mais vizinho,
Quanto de cada vez mais alongado.
Assim vou, pouco a pouco, meu caminho,
Não sem queixas da dura natureza,
Em cuja companhia ainda me espinho.
Que mais custa abrandar sua dureza
Importuna, cruel, que padecer
Quanto sofrer se pode de aspereza,
Pois, tantas quantas vezes cometer,
Não basta ser de todas resistida
Se não que em todas sempre hei-de vencer.



Convento Novo, dos Capuchos, na serra da Arrábida